



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Sujeitos comunicantes em inter-relação com as mídias: mediatização, poder e apropriações

Studying Media and Communicating Subjects: reflections about mediatization, power and appropriations

Caroline Govari Nunes
Eloy Santos Vieira

Palavras-chave: Comunicação; Mídia; Sociedade; Processos Midiáticos; Processos Sociais.

Resumo

A proposta deste trabalho é apresentar uma problematização teórica a fim de tensionar as inter-relações entre os sujeitos comunicantes e as mídias. Consequentemente, tensionamos também o conceito de mediatização propriamente dito quando refletimos sobre a necessidade de um olhar comunicacional e também adotamos o conceito de processos midiáticos como ponto de partida para tal reflexão. Sendo assim, propomos direcionarmos um olhar comunicacional sobre diversas questões contemporâneas que permeiam nosso cotidiano. Para isso, levantamos uma proposta de operacionalização a partir do conceito de Processos Midiáticos que perpassa pelo conceito de mediações. E, na tentativa de contextualizar tal debate, traçamos uma reflexão entre Mídia, Comunicação e Sociedade, com destaque para as intersecções com a tecnologia e algumas questões contemporâneas permeadas por ela.

Não é difícil constatar que atualmente é praticamente impossível imaginar nossa vida em sociedade sem a (oni)presença da mídia. Como lembra Luhmann (2005) ao falar do papel da mídia na construção da realidade: “aquilo que sabemos sobre nossa sociedade, ou mesmo sobre o mundo no qual vivemos, o sabemos pelos meios de comunicação” (p.15). Ao lidar com o mundo, estamos lidando com ele através da mídia



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

basicamente da hora que acordamos até a hora de dormir: quando entramos num transporte público ou privado e ouvimos uma rádio, um *podcast* ou até mesmo um aplicativo de *streaming* no celular, ao chegarmos em casa e nos reunirmos com a família para assistir ao episódio final de uma telenovela, ou simplesmente quando trocamos mensagens com amigos ao longo do dia.

Para Sodré (2013), nós, enquanto indivíduos imersos numa sociedade em vias de midiatização, estamos imersos nesse “bios midiático”. Mesmo que possamos entrar e sair, não temos muita escolha senão ter que lidar com a mídia. Negar isto seria algo bastante improdutivo para qualquer pesquisador da Comunicação.

Junto a esse movimento, surge também a necessidade de refletir como podemos estudar tantos fenômenos que rodeiam nosso cotidiano. Esses fenômenos contemporâneos que imbricam mídia, tecnologia, cultura, linguagens e estéticas – além de aspectos sociais, econômicos, políticos e filosóficos - demandam um olhar complexo que, por vezes, só pode ser obtido quando conseguimos lançar um olhar comunicacional sobre eles. Nosso esforço neste trabalho é exatamente este: propor uma reflexão acerca de uma operacionalização desse olhar comunicacional.

Para isso, traçamos alguns pontos específicos a serem abordados:

Comunicação, mídia e sociedade

Se pensarmos no conceito de Processo Midiáticos trazido por Gomes (2017), veremos que os processos midiáticos podem ser entendidos como um conjunto de práticas comunicacionais pertencentes ao campo das mídias que operam mediante dispositivos (TV, jornal, livro, fotografia, etc.) segundo diferentes linguagens (p. 36). Ou seja, os processos midiáticos podem ser nosso grande ponto de partida para conseguirmos seguir uma racionalidade epistemológica da comunicação. É ela que deve fornecer ao pesquisador os elementos essenciais para – a partir da mídia e de seus



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

processos estruturantes e modos de produção – adquirir elementos essenciais para interpelar os inter-relacionamentos sociais e humanos contemporâneos (p. 38).

Além disso, segundo Braga (2006), devemos prezar por uma abordagem comunicacional transcendente, ou seja, uma abordagem que vá além da visão informacional e não esgote a potencialidade dos processos midiáticos nos subsistemas de produção e recepção. Assim, sua ideia é incorporar o que ele chama de “sistema de resposta social”. Esse conceito complementaria a processualidade de midiatização social geral uma vez que corresponde às interações sociais baseadas em produtos midiáticos.

A importância de um olhar comunicacional

Quando agregamos o conceito de “sistema de resposta social” ao de processos midiáticos conforme mencionamos anteriormente, reconhecemos a relação biunívoca e completamente imbricada, entre os processos sociais e os processos midiáticos. Ao fazer esse movimento, trocamos uma perspectiva midiacêntrica e obsoleta que via a Comunicação apenas a partir de dois polos distintos por uma muito mais flexível capaz de evidenciar as processualidades de fenômenos sociais midiatizados e não apenas suas estruturas.

Ao fazer esse movimento, Braga (2006) aponta a necessidade também de reconhecer a perspectiva das mediações de Martín-Barbero (2013). Segundo ele, o conceito operacionalizado pelo teórico radicado na Colômbia seria capaz de retomar o olhar comunicacional que tanto mencionamos ao trazer para o “sistema social de resposta” as bases do cotidiano e da cultura, ou seja, para que possamos compreender comunicacionalmente, devemos estar atentos a aportes pré e extramidiáticos.

Em suma, o que a proposta das mediações pretende é fazer uma passagem das estruturas aos processos. E, ao aliarmos essa proposta à do “sistema social de resposta” de Braga (2006), podemos ser capazes de pensar as configurações comunicativas nas mediações, ou seja, tirar a ênfase do sócio-antropológico – o que não quer dizer que



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

devemos desconsiderá-lo – e priorizar o técnico-comunicacional, reconhecendo, portanto que a técnica tem sim um papel central, mas não deve ser considerada nunca a grande protagonista de todo esse processo (MIÉGE, 2009, p.37).

Sujeitos comunicantes em inter-relação com as mídias

Para refletirmos acerca dos processos sociocomunicacionais sob este olhar comunicacional, trazemos à baila Maldonado (2014), que apresenta uma proposta de aprofundamento e revisão do sujeito comunicacional, contextualizando as mudanças. O autor também aborda a emergência dos meios digitais e da necessidade latente de complexificação e uma atualização do conceito de “receptor”. Para ele, os sujeitos em comunicação (ou comunicador-produtor) são termos que podem ser usados para se referir a esse sujeito não-passivo e repensa as limitações de um paradigma – no caso, a recepção (problematiza uma certa tendência em analisar o receptor).

Outro ponto interessante trazido pelo autor é como agora as mídias digitais influenciam na formação psíquica – o narrar-se pela foto de perfil, pela biografia que escolhemos expor, etc. Então há uma imbricação entre sujeitos e mídias – o que não é possível pensar fora do contexto das culturas – pois como estamos discutindo ao longo de todo este artigo, há traços, restos, rastros e o conceito de mediações que nunca se esgota.

Falando em mediações e pensando que nossas atividades se misturam aos meios, entramos no que Martín-Barbero (2009) explica sobre mediação: os meios estão situados numa conglomeração de práticas, eles estão atravessados por elas. As mediações sociais (no que acreditamos) é que vão fazer a recepção e fazer com que essa recepção não seja algo passivo. O autor discute os meios e aponta o papel das mediações, e compreendemos que essa passagem é processual e acontece uma ruptura de fluxo e circuitos.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Mediação é o relacionamento que se estabelece entre receptor e o meio, e também a justificativa que a pessoa dá para esse relacionamento. Sintagma como referência que a sociologia não dava às mídias. Ela se expande muito mais do que as teorias das mídias. Martín-Barbero (2009) pensa a teoria europeia agregada à realidade da América Latina porque aqui tem suas particularidades, e por isso o desencontro de teoria/realidade é algo recorrente.

Portanto, o que entendemos aqui é a cultura pensada nas suas mestiçagens, no popular, no transnacional, pois a cultura não pode ser diminuída, reduzida. A cultura, apesar de ter um vínculo com o social, também tem dinâmica popular e tem elementos que atravessam elementos diferentes. Quando fala “dos meios às mediações”, Martín-Barbero (2009) não propõe um novo paradigma, mas diz que as condições concretas estão se alterando, não estão dando conta, e é preciso um mapa para a gente seguir. Não é uma estrutura enrijecida, e sim um conjunto de conceitos.

Em *Diversidade em convergência*, Martín-Barbero (2014) também tenta se mover neste campo complexo, no cenário agressivo do neoliberalismo e tenta pensar a noção de interculturalidade. Ele aborda a tradução linguística, as pluralizações e hibridações, uma noção de identidade narrativa e o avanço da digitalização frente às novas lutas. O autor ressalta, ainda, que é importante olhar as complexidades, não cair em um pessimismo cultural, pois várias questões são construídas e reconstruídas nos processos históricos.

Pensando neste cenário, que engloba a relação direta entre a mídiatização e do avanço da digitalização, Mattelart (2014) complementa a ideia de Martín-Barbero (2014) quando aborda a genealogia dos usos e funções da tecnologia de controle social. O autor comenta que na década de 1990, com a crise do estado, há um esgotamento e reemergência dos estados neoliberais, onde o papel de vigilância do estado sofre mudanças e as tecnologias também entram em uma crise do capitalismo.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Com o avanço nas tecnologias digitais, novas formas de fichamentos e banco de dados são criados e o sujeito passa a ser coprodutor de um tipo de trabalho. Ainda, o que acontece é uma comercialização de dados: rentabilizar, por exemplo, uma fanpage no site de rede social Facebook ou no Instagram, prática que tem se expandido fortemente. Há, também, uma vigilância invertida – o que é muito bom para o sistema, já que os atores sociais agora vigiam suas próprias práticas. Essa questão da vigilância já aparecia nas pesquisas de Certeau (1994), onde o autor via os sujeitos presos em uma rede de vigilância, mas que tentavam resistir e fazer algum tipo de produção. Certeau (1994) não pensa os indivíduos como isolados, mas situados em um campo social, em uma estrutura.

Em suma, podemos dizer que o que temos na era digital é um sujeito em uma posição suscetível de ser constantemente vigiado. Não obstante, vigiados com permissão – já que assinamos contratos digitais com um rápido clique e concordamos em fornecer todos os nossos dados para redes como o Google e o Facebook. Estes são pontos interessantes para pensar as resistências e desvios que podemos fazer acontecer no cotidiano.

Tensionamentos contemporâneos: onde tecnologia e comunicação se encontram

Em consonância com a crítica barberiana sobre a ascensão da tecnologia enquanto grande poder simbólico do século XXI e com visão luhmanniana acerca da construção da realidade, Eco (1986) traz como exemplo desses tensionamentos o que ele chamou de “neotevê”. Para ele, essa nova televisão esvazia-se politicamente e mistura ficção com informação a fim de sustentar uma suposta realidade em que só a lugar para ela mesma e seu próprio público.

Já em Ladeira (2016), temos uma visão bem menos fatalista acerca da TV do século XXI e muito mais técnica em relação à fluidez do conteúdo a partir das



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

possibilidades de digitalização e, por conseguinte, do *streaming*, mas o que não quer dizer que é menos crítica. De acordo com o autor, não é só porque estamos lidando com uma evolução tecnológica que devemos deixar pra trás o processo que nos levou à passagem do analógico para o digital.

É este movimento que podemos apreender também a partir de Aquino Bittencourt (2016) que faz questão de fazer uma recuperação histórica do que estamos chamando de convergência. Com este movimento, ela consegue não só apontar que este é um conceito que já nasce de um olhar de entrelugar entre a computação, a radiodifusão e as tecnologias de impressão, como também destacar os princípios norteadores tais quais as questões da conexão, da interatividade/participação e da materialidade.

Num movimento semelhante, mas um pouco mais profundo, Cádima (2014) também faz essa recuperação conceitual, mas destaca que, o que chamamos de convergência hoje, na verdade é apenas um nome para mais uma ruptura estrutural propiciada e catalisada pela crescente digitalização e mediatização da sociedade. Miége (2009) é um dos autores que melhor destaca isso quando defende que a convergência, no fundo, é uma construção social que se dá a partir das apropriações tecnológicas por parte da sociedade e defende que não podemos, em hipótese alguma, separar a técnica do social uma vez que as duas coisas estão ligadas por diversas mediações, especialmente as que dizem respeito à informação e à comunicação.

Por isso mesmo, torna-se imperioso para nós, sob uma ótica comunicacional, pensar as configurações comunicativas nas mediações e focar no que as possibilidades técnicas implicam nas práticas comunicativas contemporâneas. Sendo assim, nossa ideia é discutir sobre algumas mutações que os processos midiáticos vêm passando em meio a esse contexto comunicacional articulado cada vez mais com o desenvolvimento tecnológico e processos crescentes de mundialização e digitalização.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Referências bibliográficas

ABELES, Marc. Internet, globalização, política. In: VERÓN, Eliseo; FAUSTO NETO, Antonio; HEBERLÊ, Antonio Luiz O. **Pentálogo III: Internet: viagens no espaço e no tempo**. Pelotas: Editora Cópias Santa Cruz, 2013.

AQUINO BITTENCOURT, Maria Clara. A ilusão da convergência pelas barreiras da circulação no Facebook. In: MIÉGE, Bernard [et al]. **Operações de mediatização**. Das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo. Santa Maria: Facos-UFSM, 2016. p. 95 – 118.

BAEZA, Pepe. EL escenario general de la imagen en la prensa. In: **Por uma función crítica da la fotografia de prensa**. Barcelona: Gustavo Gill, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. Drones e mídia social. In: **Vigilância Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. Vigilância: o alcance do processo e da palavra. In: CASTRO, Paulo César (org). **Vigiar a vigilância: uma questão de saberes?** Maceió: EDUFAL, 2016.

CÁDIMA, Francisco Rui. Sobre o digital: convergência, divergência, fractura. In: SÁÁÁgua, João; CÁDIMA, F. Rui. (orgs), **Comunicação e linguagem: novas convergências**. Portugal: Universidade Nova de Lisboa, 2014. p. 265 – 285.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** 1. Artes de fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p.91-106 e p.259-273.

ECO, Umberto. **Tevê: a transparência perdida**. In: ECO, Umberto. Viagem na irrealdade cotidiana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 182-204.

FAUSTO NETO: SGORLA, Fabiana. A travessia de Fátima Bernardes: “estamos todos órfãos”. In: OLIVEIRA, Ivone; MARCHIORI, Marlene. **Comunicação, Discurso e Organizações**. São Caetano do Sul: Difusão, 2013.

FERREIRA, Jairo. **As metamorfoses da circulação: dos fluxos às questões de reconhecimento**. Paper PPG-COM Unisinos 2017.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

FLICHY, Patrice. Internet, um mundo para os amadores. In: Flichy, Patrice; FERREIRA, Jairo; AMARAL, Adriana (orgs). **Redes digitais: um mundo para os amadores**. Novas relações entre mediadores, mediações e mídiatização. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2016.

GOMES, Pedro G. **Dos meios à mídiatização: um conceito em evolução**. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

LADEIRA, João. Audiovisual, televisão, streaming: uma exploração de suas formas e estratégias. In: MIÉGE, Bernard [et al]. **Operações de mídiatização**. Das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo. Santa Maria: Facos-UFSM, 2016. p. 119 – 160.

LIVINGSTONE, Sonia. Internet literacy: a negociação dos jovens com as novas oportunidades on-line. In: **Revista Matrizes**. Ano 4 – nº 2 jan/jun. 2011.

LUHMANN, Nicklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

MALDONADO, Efendy. Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa. In: _____ (Org.). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**. 1 ed. Salamanca Espanha: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014, v. 1, p. 17-40.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013

_____. Diversidade em convergência. *Matrizes*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 15-33, jul./dez. 2014. Disponível em <<http://periodicos.usp.br/matrizes/article/view/90445/93215>> Acesso em 17 jul 2018.

_____. Razón técnica y razón política: espacios/tempos no pensados. In: **Revista ALAIC**. Nº 01, 2004.

MATTELART, Armand; VITALIS, André. **De Orwell al cibercontrol**. Barcelona: Gedisa, 2014. Introducción (p.11-20); Cap. 6 (159-188); Cap. 7 (189-209)

MIÉGE, Bernard. **A sociedade tecida pela comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

ROSA, Ana Paula da. Tensões entre o registro e a encenação: a imagem de Ayla Kurdi e sua constituição em totem. In: **Revista Observatório**, v. 3, n. 1. Palmas (TO), jan/mar. 2017. p. 327-351.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola: 2002.

SODRÉ, Muniz. O socius comunicacional. In: E. VERÓN; A. F. NETO; A. L. O. HABERLÊ. (org.) **Pentálogo III: Internet: viagens no espaço e no tempo**. Pelotas, Editora Cópias Santa Cruz, 2013, p. 241-253.

VIRILLO, Paul. **La máquina de visión**. Madrid: Galilée/Cátedra, 1989.